

CADERNO 2



Vladimir Spivakov
rege I Virtuosi de
Moscou no Cultura
Artística. Pág. 2



Denzel Washington
atua com o "mestre"
Gene Hackman em
novo filme. Pág. 8

ANO IX NÚMERO 3.012 □ TERÇA-FEIRA, 9 DE MAIO DE 1995

Sacilotto recria as cores com amor pelo ofício

Pintor pioneiro da arte abstrata no Brasil inaugura no dia 24 exposição retrospectiva de sua carreira, com quadros históricos, no Escritório de Arte Sylvio Nery da Fonseca

ANGÉLICA DE MORAES

O amplo ateliê de Luís Sacilotto em Santo André, no ABC paulista, é o de um operário que ama seu ofício e acaricia com as mãos e os olhos os instrumentos de seu fazer. Tudo está rigorosamente no lugar. Um lugar pragmático, de oficina. Nas longas prateleiras, centenas de vidros guardam os pigmentos e as gradações de tons que ele prepara e classifica em um caderninho de folhas amareladas pelo uso.

São mais de 300 cores, que incluem desde terras de Siena e Kassel (sim, o lugar da Documenta produz pigmentos artísticos) até azuis e verdes belíssimos, colhidos pessoalmente pelo artista nas jazidas a céu aberto existentes no chão ferroso de Minas. Um dos signatários do manifesto de fundação do Grupo Ruptura (1952), marco histórico do início da arte abstrata no País, Sacilotto abre dia 24 uma exposição individual de seus quadros históricos no Escritório de Arte Sylvio Nery da Fonseca.

Em entrevista exclusiva ao Caderno 2, Sacilotto demonstra que está longe de assumir a postura olímpica dos que já sabem que têm seu lugar garantido na história da arte brasileira. Também não é de meias palavras. "O neoconcretismo foi uma invenção carioca", afirma.

Sacilotto não credita à provinciana briga Rio-São Paulo a separação dos artistas abstratos que — aqui denominados Grupo Ruptura e lá Grupo Frente — abriram caminho para o abstracionismo geométrico no País. "Ninguém brigou com os cariocas, isso foi uma briga pessoal do Waldemar Cordeiro com o Ferreira Gullar", diz, lembrando o clima de polêmica que se instalou entre os dois líderes do movimento. "A culpa foi minha", assume. "Foi um quadro meu que provocou o rompimento dos dois." Pouco depois, Gullar iria liderar o manifesto neoconcreto.

Em 1980, o Museu de Arte Moderna de São Paulo dedicou uma ampla retrospectiva a Sacilotto, com texto de Décio Pignatari. É dessa exposição a maioria das telas, objetos, relevos e esculturas que o artista expõe na galeria de Sylvio Nery da Fonseca, com curadoria do crítico Frederico Moraes. Vindo do seu acervo pessoal, o conjunto inclui jóias como a tela *Concreção 7553* (1975) — uma vigorosa incursão na op-art — além da escultura *Concreção 5840* (1958), em chapa de ferro pintada. Há também a curiosa *Pintura 1* (1950), dos primórdios da carreira, onde se revela uma nítida influência de Mondrian. A tela foi exposta na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951.

O ateliê está ressurgindo de uma ociosidade forçada, causada pela trombose cerebral que manteve Sacilotto no hospital, em estado de coma, durante um mês, no ano passado. Nesse período, também precisou colocar um marca-passo no coração. A recuperação surpreende. A mão está sendo domada para retomar sua precisão.

Os pigmentos voltam a ser aplicados sobre a tela branca previamente riscada a lápis e régua nas exatas composições concretistas de que nunca se afastou. O cérebro está lúcido, atento, comandando a fisioterapia que já lhe devolveu grande parte dos movimentos. Aos 71 anos, Luís Sacilotto está recomendo.

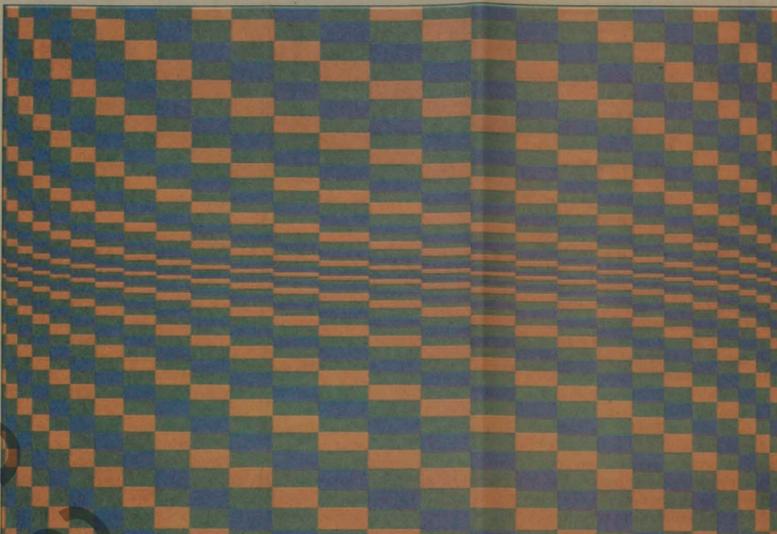
"Não há nenhuma possibilidade de retorno da arte concreta, que é uma arte em progresso", sustenta ele. "Neoconcretismo é equívoco; a arte que nasceu com a invenção da perspectiva renascentista está esgotada, uma outra arte nasceu em 1910 quando Kandinsky criou a primeira aquarela abstrata da História da Arte", destaca. "Não há mais necessidade de perspectiva na arte, isto é, sabemos que isso é uma convenção artificial e que podemos criar outras convenções, igualmente arbitrarias."

O neoconcretismo foi apenas um modo, acredita ele, de justificar uma briga entre os críticos Waldemar Cordeiro e Ferreira Gullar. "Eles brigaram por causa de uma escultura minha de corte e dobra", conta. "Cordeiro sustentava meu pioneirismo nesse tipo de trabalho enquanto Gullar dizia que Lygia Clark tinha feito isso antes." Gullar, frisa Sacilotto, conhecia pouco o seu trabalho. "Fui o pioneiro, sem dúvida." O neoconcretismo foi um termo criado por Gullar e endossado pelos cariocas durante um tempo, esclarece. "Todos eles, com destaque para Aluísio Carvão e Lygia Clark, depois voltariam a se definir como artistas concretos."

As esculturas de corte e dobra foram expostas no Centro de Estudos Sociais da Rua Maria Antonia, em uma exposição fechada pelo Dops. "A polícia arquivou no lixo essas peças", lembra. Com forte atuação em movimentos políticos de esquerda em plena época da ditadura militar, Sacilotto tornou-se uma pessoa procurada pela polícia política. Sumiu do circuito artístico durante sete anos e dedicou-se apenas ao trabalho que, artista de origem humilde, sempre o sustentou: a serralheria, na pequena fábrica de esquadrias.

Nesses anos de chumbo, criou um dos mais vigorosos manifestos visuais contra a ditadura: uma escultura em que a articulação exata de formas geométricas é violentada pelo uso do fogo do maçarico. As superfícies limpas a propor um pensamento de progresso e desenvolvimento para o País foram transformadas em linhas disformes, perfuradas, torturadas. A escultura — inédita — está em um dos ângulos de seu ateliê, testemunha de um período muito duro para seu autor.

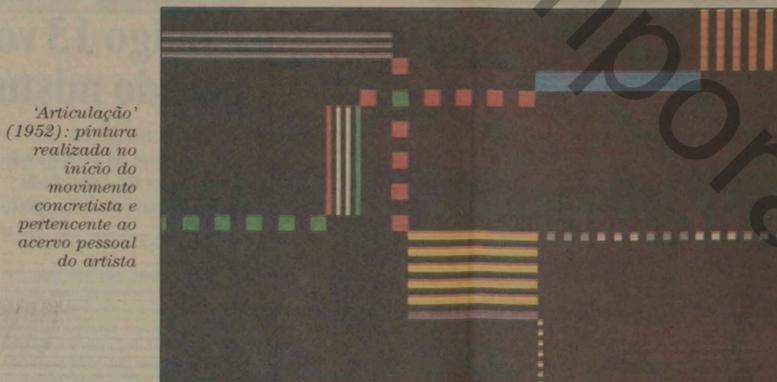
A volta à pintura foi feita nos anos 70, em ritmo de música de câmara. Os tons são límpidos, ritmados em zonas geométricas que tanto podem modular o plano como sugerirem volumes virtuais. "Exponho pouco, só quando acho que há alguma razão para mostrar o que faço", esclarece.



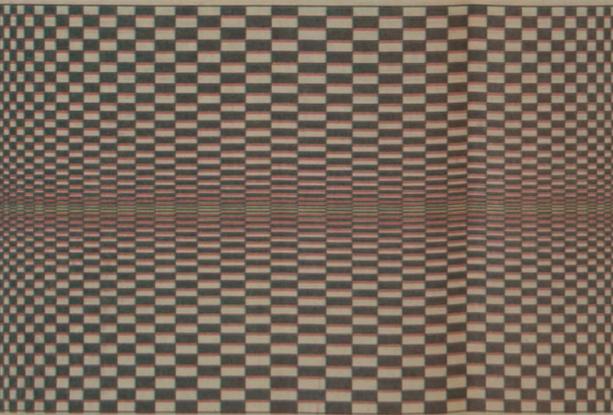
'Concreção 8.100' (1981): tela com volume virtual feita em progressão de formas geométricas



Sacilotto em seu ateliê: retorno aos pincéis após a trombose que o deixou em coma no ano passado



'Articulação' (1952): pintura realizada no início do movimento concretista e pertencente ao acervo pessoal do artista



'Concreção 7553' (1975), óleo sobre tela realizada com linguagem da optical-art: a modulação de retângulos cria horizontes e volumes que se transformam

Concretismo é um marco nas artes

Uma única folha de papel, impressa em tipografia apenas em um lado e distribuída como panfleto, causou em 1952 uma reviravolta nas artes plásticas. Era o manifesto do Grupo Ruptura, um dos marcos históricos do início da arte abstrata no País. "A arte antiga foi grande quando foi inteligente, contudo a nossa inteligência não pode ser a de Leonardo, a história deu um salto qualitativo", pregava o texto, situando como velhas todas as variedades e hibridações do naturalismo.

O panfleto foi assinado por Lothar Charroux, Waldemar Cordeiro, Kasimir Fejer, Leopoldo Haar, Luís Sacilotto e Anatol Wladislaw. Outra tomada de posição estética de bases semelhantes ocorreria no Rio e levaria o nome de Grupo Frente. Os dois grupos lutavam contra o ranço do academismo, remanescente em uma arte figurativa que era apenas a cópia diluída de velhos pressupostos trazidos desde a Missão Francesa até lições mal aprendidas do cubismo.

Um desses diluidores do cubismo era nada menos do que Cândido Portinari, que incorporara uma malha de linhas geométricas sobre sua figuração de origem realista, criando um híbrido que depois se revisou como mau momento na carreira do artista.

Sacilotto e seus colegas lançaram o manifesto com uma exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1952. Conforme lembra o crítico e historiador de arte Frederico Moraes, no texto do catálogo para a exposição de Sacilotto no Escritório de Arte Sylvio Nery da Fonseca, "o Grupo Ruptura está na origem do movimento concretista (1956), que teve uma importância decisiva no processo de modernização e internacionalização da arte brasileira."

A influência do concretismo espalhou-se das artes plásticas e da poesia para as artes gráficas, design, arquitetura e até mesmo para a dança. Não por acaso, antes de dedicar-se à vanguarda concretista, Sacilotto foi um inventivo criador de letras para artes gráficas e publicidade. (A.M.)

FORTALEZA

20:00h

Saídas de Congonhas - SP.
Vão com conexão.

RESERVAS: (0800) 123-100

TAM
Um estilo de voar